

O projeto de reabilitação da anta da Lapa da Meruje no contexto das estratégias para o estudo, proteção e valorização do património megalítico de Vouzela (Viseu)

António Faustino Carvalho

CEAACP – Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património | Polo do Algarve
Universidade do Algarve
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Campus de Gambelas, 8000-117 Faro, Portugal
E-mail: afcarva@ualg.pt
ORCID: 0000-0002-0912-2325

Resumo: A Câmara Municipal de Vouzela tem vindo a implementar desde 2015 um conjunto articulado de medidas e ações de proteção e valorização do seu património histórico-arqueológico. No caso do património megalítico e afim, a estratégia tem assentado na prospeção do território e inventário das ocorrências, na sondagem de sítios selecionados para obtenção de dados contextuais, e na sua proteção e valorização. Neste contexto, selecionou-se a anta da Lapa da Meruje para a implementação de um projeto duplo de investigação (escavação arqueológica para um melhor conhecimento do sítio) e valorização (reabilitação e abertura ao público). Os princípios que norteiam este último vetor visam garantir a estabilidade e proteção do edifício megalítico e seu entorno, a sua monitorização permanente e, se necessário, a possibilidade de reversão da intervenção.

Abstract: The Municipality of Vouzela has been implementing since 2015 an articulated series of measures and actions to protect and enhance its historical and archaeological heritage. In the case of megalithic and related heritage, the strategy has been based on field surveying and inventory, testing of selected sites to obtain contextual data, and their protection and enhancement. In this context, the Lapa da Meruje dolmen was selected to put in place a twofold project of research (archaeological excavation for a better understanding of the site) and enhancement (rehabilitation and opening to the public). The principles guiding this last vector aim to guarantee the stability and protection of the megalithic building and its surroundings, its permanent monitoring and, if necessary, the possibility of reversing the intervention.

1. INTRODUÇÃO

O município de Vouzela, no distrito de Viseu, tem vindo a promover o estudo, a proteção e a valorização do seu património histórico, arqueológico e etnográfico de uma forma sistemática e coordenada desde 2015. Este vetor particular da política patrimonial do município materializou-se, num primeiro passo, na assinatura de protocolos de colaboração com universidades que permitiram imediatamente elaborar, submeter à tutela, e desenvolver no terreno vários projetos de investigação plurianuais. Cada um destes projetos prevê ações específicas de valorização e divulgação do património cultural do concelho.

O historial desta investigação foi já apresentado em diversas ocasiões, pelo que se esboçam aqui somente os seus aspetos e desenvolvimentos mais estruturantes.

O primeiro projeto, intitulado "*Estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela*", decorreu entre 2016 e 2019. Tinha dois objetivos essenciais (Real *et al.* 2017): por um lado, proceder ao inventário sistemático do património histórico-arqueológico do município, principalmente através de levantamentos bibliográficos e ações de prospeção no terreno, e por outro selecionar um monumento arqueológico

para estudo e valorização. O monumento eleito para esse fim foi a anta da Lapa da Meruje, que será tratada adiante. Apesar de se ter antecipado à partida um volume de dados importante, um fator totalmente inesperado, porém, veio alterar profundamente as metodologias preestabelecidas e, sobretudo, a visão que até então se tinha da presença humana na região — os dramáticos incêndios florestais de outubro de 2017. Com efeito, o desaparecimento do coberto vegetal nos territórios de montanha do município — que abarcam o sector setentrional da Serra do Caramulo — permitiu a colocação de meios humanos e materiais no terreno para a prospeção intensiva desses espaços que beneficiaram de condições de visibilidade do solo nunca antes tidas. Ora, o grande resultado foi a identificação de um número verdadeiramente inesperado de estruturas sob mamoa — de que se fizeram desde logo diversos balanços (Carvalho 2020; Carvalho e Carvalho 2018; Carvalho *et al.* 2020, 2021a) — que havia que inventariar, cartografar, delimitar e proteger (Real *et al.* 2019).

O número de estruturas tumulares sob mamoa pré e proto-históricas no concelho de Vouzela ascende hoje (fevereiro de 2024) a 174 ocorrências, incluindo dólmenes de diversas dimensões e tipologias, cistas de inumação neocalcolíticas e cistas de incineração da Idade do Bronze. Estas descobertas, que em certa medida se repetiram também no concelho vizinho de Oliveira de Frades (Soares 2021), justificaram um segundo projeto, *"Megálitos, espaços, gentes e ambiente nas manifestações tumulares pré e proto-históricas de Lafões"* (2020-2023), derivado do anterior mas consignado a estas realidades e outras manifestações coevas (arte rupestre, afloramentos monumentalizados, povoados fortificados) e alargado à totalidade da região de Lafões, isto é, abrangendo também os concelhos de Oliveira de Frades e S. Pedro do Sul. O objetivo principal deste segundo projeto foi o de dar continuidade aos trabalhos de prospeção anteriores — o que enfrentou as limitações impostas pela regeneração espontânea da vegetação — e reunir dados para interpretar este novo quadro geral da presença humana antiga que se esboçava na região. Proceda-se assim, não só à elaboração de inventários patrimoniais (em permanente atualização), como na realização de trabalhos intrusivos (sondagem ou escavação) para obtenção de elementos contextuais (Carvalho *et al.* 2022).

Outro projeto que nasceu do primeiro é a *"Etnoarqueologia das montanhas da Beira Alta (Vouzela-Lafões)"* (2022-2025), que se circunscreve ao estudo pluridisciplinar de um microterritório, objeto de tratamento como caso de estudo, formado pelas atuais freguesias de Cambra e Carvalhal de Vermilhas, Fornelo do Monte e Ventosa, no concelho de Vouzela. Nestas freguesias de montanha, com efeito, as práticas agropastoris e silvícolas tradicionais, designadamente em espaços de baldios, estão em desaparecimento acelerado como resultado de diversas causas (mecanização, êxodo rural, etc.), pelo que urge documentá-las metodicamente. A importância deste projeto para o estudo das práticas funerárias pré e proto-históricas advém-lhe da sua perspetiva diacrónica (Tente e Carvalho, s.d.; Tente e Melo, s.d.) e consequente profundidade histórica (inicia-se com os primeiros agricultores neolíticos), e pelo facto de buscar contextos domésticos, entre os quais se espera poder identificar habitats coevos dos monumentos sob mamoa.

Este é, pois, o quadro geral da investigação arqueológica onde se têm vindo a integrar os trabalhos na anta da Lapa da Meruje.

2. PROTEÇÃO, ESTUDO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO MEGALÍTICO DE VOUZELA: PRINCÍPIOS E PRÁTICAS

Para além do inventário sistemático de sítios que decorre diretamente dos trabalhos de prospeção, foi também colocado em prática um conjunto de medidas de proteção dessas ocorrências, sendo que muitas tiveram especial pertinência e urgência no período pós-incêndios (Real *et al.* 2019; Carvalho 2021):

Marcação dos sítios arqueológicos através de faixa sinalizadora com o logotipo da Câmara Municipal de Vouzela e delimitação do perímetro dos monumentos e das mamoas com marcos de

cimento. No início, esta sinalização visou impedir o atravessamento dos sítios pela maquinaria pesada usada nos trabalhos de silvicultura que se seguiram aos incêndios florestais.

Contacto com os proprietários ou usufrutuários dos terrenos por forma a consciencializá-los acerca das medidas que deverão adotar para evitar a destruição ou dano dos sítios arqueológicos. No pós-incêndios, estes contactos decorreram paralelamente a ações gerais de divulgação e sensibilização junto das populações locais, ações que contaram com a intervenção dos presidentes das juntas de freguesia.

Acompanhamento/fiscalização dos trabalhos de abate de árvores e de abertura de estradões. Este trabalho é levado a cabo não apenas pela equipa camarária encarregue da gestão do património cultural, mas também pelos respetivos fiscais. Com esta medida, definiram-se também áreas de não reflorestação em torno dos sítios arqueológicos mais suscetíveis de destruição em caso de alteração do uso do solo.

Em termos de investigação, tem-se vindo a proceder a trabalhos intrusivos de tipo sondagem ou escavação, além de outros estudos específicos, tais como historiografia da investigação antiga (Carvalho 2023), levantamento da arte gravada (Carvalho e Pires 2023), proveniência e traceologia de artefactos em sílex (Carvalho *et al.* 2018), análise dos processos de formação dos depósitos sedimentares (Simões *et al.* 2023), etc. Porém, convém sublinhar dois pontos quanto às estratégias e metodologias empregues em escavação, que se regem por princípios conservacionistas (no espírito da Carta de Cracóvia), a saber:

Os sítios selecionados para o efeito estão integrados, quer em projetos de reabilitação próprios que visam expressamente a sua conservação e valorização — é o caso da Lapa da Meruje — ou encontram-se sob ameaça (ou já parcialmente destruídos), pelo que a escavação, que pode ser em extensão, busca a sua conservação através do registo. A escavação da mamoa da Idade do Bronze do Monte Cavallo integrou-se nesta última situação (Carvalho *et al.* 2021b).

Em contexto de investigação pura, as estratégias de escavação são tão minimalistas quanto possível. Isto significa que se limitam a setores dos monumentos que respondam a questões científicas bem definidas *a priori* por forma a que o impacto da intervenção seja o menor possível mas, ao mesmo tempo, capaz de produzir resultados significativos (para exemplos diversos, ver Carvalho *et al.* 2022).

Quanto à valorização deste património, é a partir de 2016, com o arranque do primeiro projeto de investigação acima referido, que se começaram a implementar diversas ideias e iniciativas de divulgação e valorização, que se podem estruturar da seguinte forma no que ao megalitismo diz respeito:

Eventos e publicações científicas. O município apostou na realização regular das chamadas *Jornadas de Arqueologia de Vouzela-Lafões*, que tiveram já três edições (2019, 2021 e 2023), com atas publicadas (ou em vias de publicação, no caso da terceira edição) em linha editorial própria, com o objetivo de promover balanços gerais da investigação arqueológica na região e tendo como públicos-alvo não apenas investigadores mas também munícipes dos três concelhos lafonenses e outros interessados.

Ações e atividades junto do grande público. Além da abertura das referidas Jornadas ao público não especialista, têm sido realizadas outras ações e atividades visando especificamente (ainda que não exclusivamente) os munícipes de Vouzela, que seria exaustivo listar aqui. Entre as mais significativas, refram-se excursões guiadas a monumentos, exposições temporárias no Museu Municipal de Vouzela, realização regular de "dias abertos" nas escavações (dias em que se abre a escavação a visitantes sem marcação, após anúncio nos *media* locais e regionais) e palestras diversas (como a comemorativa dos cem anos das escavações de A. de Amorim Girão na Lapa da Meruje, realizada nos paços do concelho a 29 de março de 2017).

Reabilitação e valorização de monumentos. É neste âmbito que têm tido lugar os trabalhos na Lapa da Meruje, entretanto já classificada como Sítio de Interesse Público, por proposta formal do município. Em termos de valorização, o município promoveu a criação de um roteiro megalítico local, "*Gigantes de Pedra. Rota Cultural do Megalitismo de Vouzela*", que integra cinco monumentos arqueológicos (Lapa da Meruje, Casa da Orca da Malhada do Cambarinho, Mamoa 1 de Vale d'Anta, Mamoa 1 de Rebordinho e Afloramento Monumentalizado da Malhada do Cambarinho) e um geomonumento, e da qual se produziu um desdobrável próprio, disponível no Posto de Turismo de Vouzela. Este roteiro assumirá a curto prazo uma escala regional, ao passar a articular-se com a "*MEG, Rota de Megalitismo de Viseu Dão Lafões e Sever do Vouga*", cuja criação foi promovida pela Comunidade Intermunicipal Viseu Dão Lafões (Carvalho, P.S. 2021).

3. O PROJETO DE ESTUDO, REABILITAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA ANTA DA LAPA DA MERUJE

Este monumento, pertencente à união de freguesias de Cambra e Carvalhal de Vermilhas, localiza-se no centro de uma depressão de meia vertente no sector noroeste da Serra do Caramulo, a 925 m de altitude (Fig. 1). Está oculto na paisagem, mas detém uma ampla vista para o Maciço da Gralheira, a Norte. As linhas de água sazonais que aqui confluem encontram-se represadas desde finais da década de 1990, o que contribui para a criação de um espelho de água artificial. Este contexto paisagístico único foi complementado com a construção de diversas infraestruturas pela autarquia (acesso e estacionamento automóvel, passadiço em madeira, e delimitação da mamoa). A estes fatores decisivos na seleção do monumento para valorização acresceu o seu grande potencial científico.

Com efeito, a Lapa da Meruje foi apenas sondada aquando da sua primeira intervenção arqueológica, em 1917 (Girão 1921: 31), e desde então tem integrado algumas das principais sínteses produzidas sobre o megalitismo beirão (Moita 1966: 218; Leisner 1998: 68). Porém, não se realizaram novos trabalhos de escavação, havendo apenas a registar o seu levantamento topográfico a 13 de agosto de 1965 (Leisner 1998: tafel 59, I-21-1) e a integração na carta arqueológica do município (Marques 1999: 27). Novos trabalhos foram retomados apenas em 2016, mas de forma intermitente porque se encontram diretamente dependentes das diversas fases do projeto de reabilitação em curso.



FIGURA 1. Vista geral da bacia de montanha no quadrante noroeste da Serra do Caramulo onde se localiza a anta da Lapa da Meruje (no centro inferior da imagem), durante as escavações (fotografia de drone por H. Pires). Em caixa: localização do monumento no território português

3.1. O projeto de estudo

As escavações arqueológicas incidiram na câmara, no corredor e no átrio do monumento, de modo a recuperar informação científica e a permitir, após o projeto de reabilitação, a circulação dos visitantes no seu interior. Abriu-se também uma sanja na metade sul da mamoa para registo da estratigrafia e arquitetura da mesma (Fig. 2). Os resultados destes trabalhos foram já objeto de uma primeira publicação (Carvalho 2018), pelo que se apresentam aqui apenas os seus aspetos principais com atualizações.



FIGURA 2. Levantamento topográfico e fotografia de conjunto da Lapa da Meruje, podendo ver-se as diferentes áreas do monumento objeto de intervenção arqueológica (topografia e fotografia de drone por H. Pires).

A Lapa da Meruje é um monumento em granito, de grandes dimensões, cuja mamoa, bem conservada, tem 32 m de diâmetro por 2 m de altura. A câmara, de sete esteios, tem aproximadamente 3 m² de área, e o corredor, que se distingue em planta e alçado, atinge 8-9 m de comprimento. A câmara está reforçada por um espesso contraforte (2,5 m) e um anel pétreo em torno do mesmo (formado por grandes blocos graníticos), e a mamoa era coberta por uma carapaça pétrea (ainda bem conservada nalguns troços) delimitada exteriormente por um anel de contenção (formado por lajes dispostas na vertical) que se ergueria acima da sua superfície.

Terá sido esta imponente estrutura a suscitar eventos de reutilização em época proto-histórica e medieval, em particular nesta última. A câmara terá então sido utilizada como abrigo, o que implicou a remoção de parte do seu preenchimento e, dessa forma, a perturbação dos níveis pré-históricos. Os trabalhos mais recentes, no entanto, permitiram verificar que ainda existem depósitos neolíticos basais bem preservados.

O corredor não foi sujeito aos mesmos eventos, facto para o qual terá contribuído a "estrutura de condenação" que selou a entrada e o átrio em momento ainda impreciso da transição Neolítico-Calcolítico. Nestes espaços apareceram apenas materiais pré-históricos, portanto sem evidência de reutilizações posteriores. O átrio seria lajeado e a sua fachada teria um dispositivo cénico que incluía duas estelas antropomórficas, uma de cada lado da entrada. Apenas subsiste hoje a do lado esquerdo (Fig. 3); a do lado oposto terá sido arrancada naquele momento, uma vez que se identificou o seu alvéolo selado pela "estrutura de condenação".



FIGURA 3. Aspeto do corredor e do átrio da Lapa da Meruje após a sua escavação em 2018. Note-se a presença de grandes lajes no chão do átrio e de uma estela antropomórfica junto à entrada do corredor (lado esquerdo do observador).

A presença de materialidades relacionadas com o simbólico não se resume a estas estelas. Na escavação da "estrutura de condenação" foi possível recuperar um "ídolo" antropomórfico em granito (27 cm de comprimento) e na sanja encontraram-se seixos de quartzito de silhueta antropomórfica, no contacto entre a base da mamoa e o paleossolo, o que sugere uma deposição intencional. No corredor e na câmara foram identificadas gravuras, de difícil visualização sem condições de luz apropriadas. Trata-se de figurações abstratas, sobretudo covinhas, mas há conjuntos mais complexos em esteios da câmara (onde se reconhecem temas ondulados, talvez um báculo, entre outros, ainda por registar) e no esteio E8. Neste, além de outros elementos compositivos, existe um signo formado por quatro linhas verticais encimadas por um triângulo (Carvalho 2020: 12 e fig. 4), que se aproxima tipologicamente do motivo no esteio C4 da Orca do Picoto do Vasco, em Vila Nova de Paiva (Cruz 2001: 97 e fig. 71).

No contexto de revolvimento medieval na área da câmara, onde surgiu cerâmica datável do século XII, encontraram-se geométricos em sílex, que podem ser testemunho da construção e primeira utilização do monumento, isto é, em inícios do IV milénio a.C. (Neolítico Médio). Isto significa que a Lapa da Meruje se integrará na primeira fase do megalitismo regional. A sondagem junto ao esteio E14, na câmara, revelou uma camada basal com material de pequenas dimensões ainda *in situ* (p. ex., dezenas de contas discoides em xisto), o que faz prever a obtenção de dados cruciais quando se escavar a totalidade deste espaço. Por seu lado, a análise de micromorfologia de sedimentos desta camada revelou abundante material vegetal não lenhoso (folhas, cascas) e fúngico (esclerócios), total ou parcialmente carbonizado, pequenos fragmentos de carvões de madeira e fitólitos de gramíneas, o que sugere poderem resultar de "[...] fibras têxteis ou outros objetos incluídos nos rituais funerários, que envolveriam mais propriamente plantas, ou elementos botânicos perecíveis e de pequeno porte, do que madeira grossa" (Simões *et al.* 2023: 106). Esta observação é importante porque poderá permitir a datação do nível fundacional deste dólmen recorrendo a amostras orgânicas de vida curta diretamente correlacionáveis com o seu primeiro momento de utilização.

No contacto entre a base da mamoa e o substrato geológico (um terraço fluvial formado por pequenos seixos de quartzito) identificou-se ainda um nível arqueológico contendo cerâmica lisa, talhe da pedra (sobretudo quartzito) e numerosos carvões. Este contexto resulta da acomodação física (e ritual?) do local prévia à edificação do monumento (Simões *et al.* 2023), com a qual estarão relacionados os "ídolos" sobre seixo acima referidos. A eventual presença de carvões de espécies de vida curta permitirá a sua datação direta.

3.2. O projeto de reabilitação e valorização

O projeto de reabilitação incide sobre dois espaços do monumento — câmara e corredor — e na rocha utilizada na sua construção, o que resultou do seguinte diagnóstico (Carvalho e Costa 2021a, 2021b):

Como referido acima, a escavação arqueológica não se alargou à totalidade da câmara por razões de segurança. Com efeito, a pesada laje de cobertura assenta apenas em quatro pontos dos esteios da mesma e encontra-se resvalada para o interior pelo seu lado norte (Fig. 4), podendo colapsar caso os esteios deste lado percam estabilidade, por exemplo com a remoção em escavação do espesso depósito sedimentar. Este facto, que constitui uma ameaça à estabilidade do edifício, impede não só a escavação como também a futura circulação de visitantes no interior do monumento.

Da mesma forma, alguns esteios do corredor apresentavam uma notória inclinação para o interior, o que se foi acentuando após a escavação deste setor, devido ao esvaziamento dos sedimentos que o preenchiam e, dessa forma, estabilizavam os esteios.

O material de construção do monumento é obtido a partir de um granito biotítico-moscovítico de grão médio a grosseiro, disponível na geologia local (Ferreira 2010), e apresenta alguns sinais de meteorização, tais como arredondamento, esboroamento e criação de fissuras (sobretudo no topo dos esteios onde assenta o chapéu da câmara). Esta meteorização derivará em parte das oscilações sazonais da pluviosidade (valores médios: 8 mm em julho e 127 mm em dezembro) e temperatura (valores médios: 32°C em julho e -5°C em dezembro) na área.



FIGURA 4. Vista de conjunto da câmara funerária da Lapa da Meruje antes de iniciados os trabalhos arqueológicos (2016) e pormenores do contacto entre a tampa e os respetivos esteios. Estas observações a olho nu determinaram a necessidade de um projeto de reabilitação específico.

Perante este cenário, definiu-se neste projeto de reabilitação um objetivo prioritário: intervir na arquitetura do monumento no sentido de garantir a sua estabilidade estrutural geral (Carvalho e Costa 2021a, 2021b). Já os efeitos da meteorização do granito parecem não requerer intervenção a curto prazo, uma vez que a comparação entre o estado atual do dólmen e o que se percebe a partir da análise das suas fotografias de inícios e meados do século passado (Fig. 5) não mostra qualquer alteração visível. Pôde deduzir-se que esta questão não terá uma influência decisiva na conservação do conjunto.

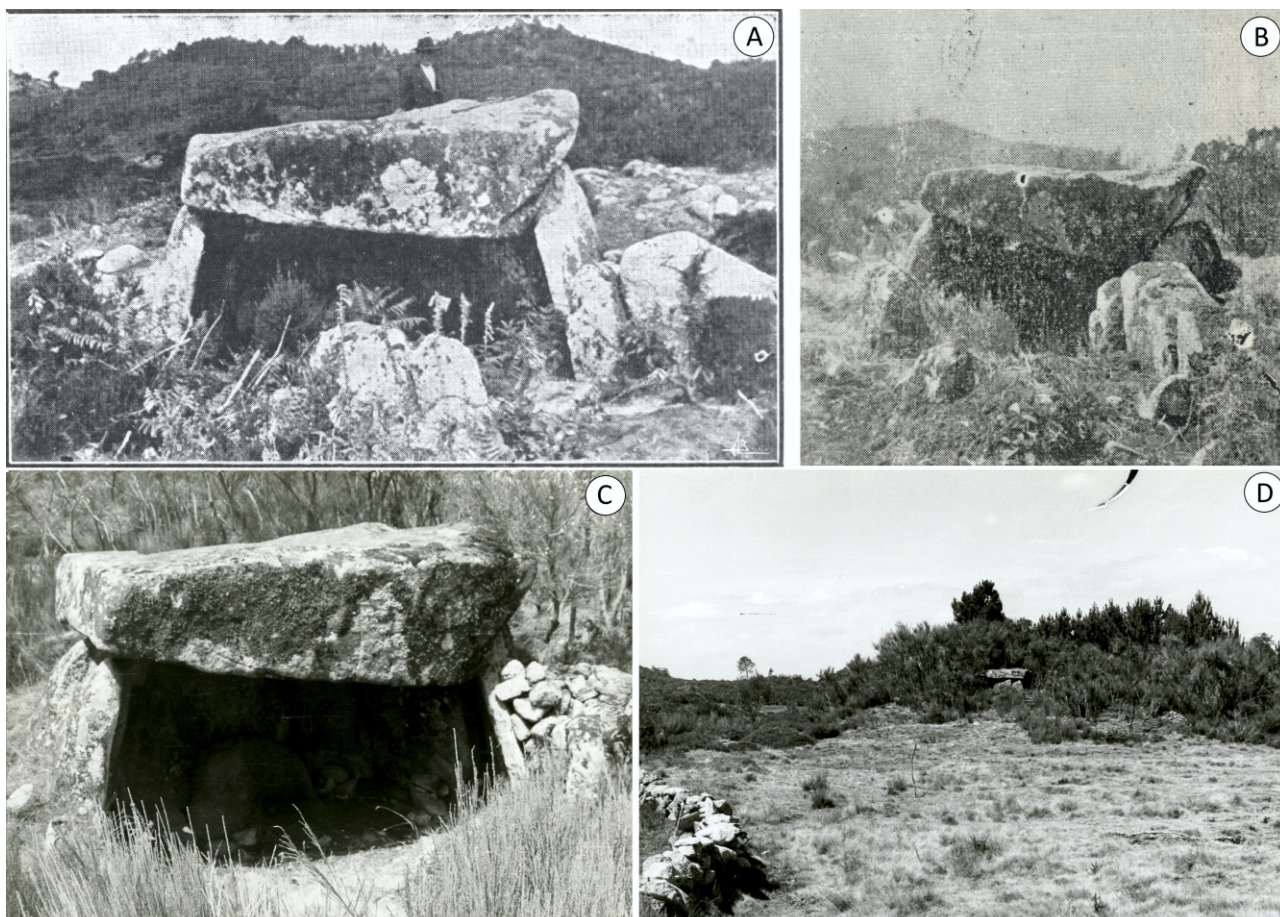


FIGURA 5. Aspetos da Lapa da Meruje ao longo do século XX: A) fotografia talvez de 1917, ano em que foi sondada por Girão (1921); B) fotografia inserta em obra sobre as vias romanas do distrito de Viseu (Figueiredo 1953); C) e D) fotografias inéditas do *Arquivo Leisner* (AL/AF/AM/07/o8662 e AL/AF/AM/07/o8668, respetivamente; ver Carvalho 2023) datadas de 1944 (data da primeira visita do casal Leisner à Serra do Caramulo) e/ou de 1965 (ano do levantamento topográfico do monumento feito por H. Schubart, segundo Leisner 1998).

Assim, foram levadas a cabo as seguintes ações:

Levantamento topográfico e tridimensional pormenorizado dos elementos que constituem o monumento, incluindo o registo geométrico de todos os esteios e da tampa do monumento e a geometria da mamoa e de toda a sua envolvente, para documentação, caracterização da situação atual, e produção de um modelo numérico.

Realização, em 2021, de uma sondagem até à base do esteio E14, na câmara, para determinação da sua profundidade e eventual existência de contraforte ou calços e, dessa forma, aferir as condições de estabilidade originais do edifício megalítico e um melhor balizamento das necessidades do projeto de reabilitação. A sondagem não pôde ser levada até à base do esteio dada a profundidade da mesma e a presença de calços (Fig. 6). Estes dados permitiram no entanto concluir pela estabilidade da estrutura.



FIGURA 6. Final da sondagem de 2021 junto à face interna do Esteio 14, da câmara da Lapa da Meruje, a qual ficou inacabada devido à presença dos espessos calços junto à base do mesmo que se podem ver na fotografia (fotografia de C. Tente)

Reereção e estabilização dos esteios do corredor para impedir o seu colapso (e eventual quebra) no futuro, dada a sua exposição às intempéries e, sobretudo, face à pressão exercida pela mamoa sobre os mesmos. Esta ação, realizada em 2023 (Fig. 7), passou pela escavação (sob controlo arqueológico) da parte de trás dos esteios. Foi possível determinar o comprimento total de cada esteio e qual a porção enterrada, o que se conseguiu através da identificação (e escavação) dos respetivos alvéolos e calços.

Na posse destes dados, os esteios foram então recolocados na sua posição original (vertical) e o espaço criado pela escavação repleto com sedimentos sobre geotêxtil.



FIGURA 7. Aspectos dos trabalhos de escavação da traseira dos esteios do corredor e sua recolocação na vertical em 2023 (fotografias de J. Rocha)

Do levantamento tridimensional acima referido produziu-se um modelo numérico para aferição da estabilidade da câmara funerária no decorrer da intervenção a realizar neste espaço, assim como a sua estabilidade futura. À data de redação do presente texto (fevereiro de 2014), encontra-se em apreciação pela tutela um projeto de execução que prevê uma estrutura metálica cuja colocação decorrerá em duas fases principais: durante o progresso da escavação arqueológica e depois em moldes definitivos (Fig. 8). O que já se tem como adquirido é que a escavação arqueo-lógica e a colocação dessa estrutura terão de ter lugar em estreita articulação e de forma coordenada. É possível que no decorrer destes trabalhos haja lugar a reajustamentos na colocação da estrutura metálica que, mantendo a sua eficácia estrutural, sirva para reduzir o impacto visual da mesma.

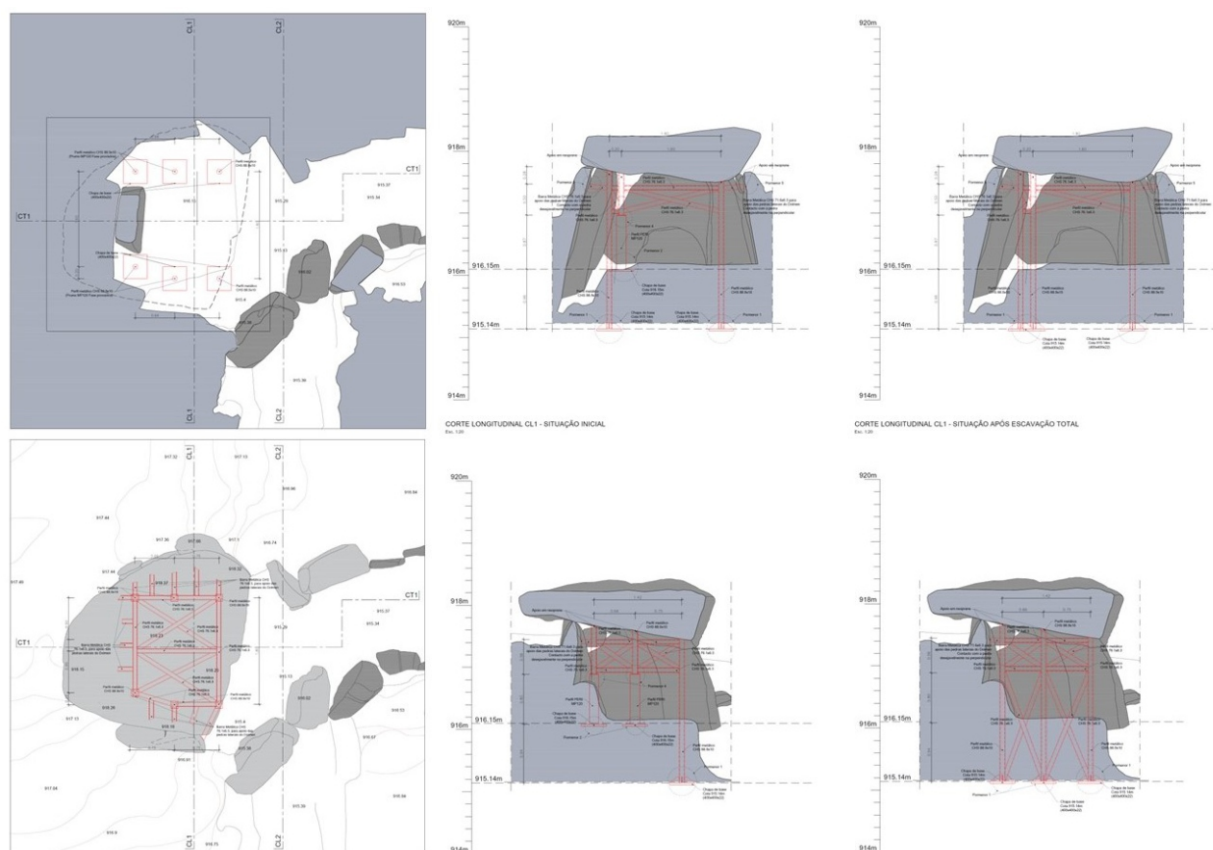


FIGURA 8. Projeto de estabilidade elaborado para a câmara funerária da Lapa da Meruje: plantas e cortes longitudinais e transversais da 1.ª fase (coluna do meio) e 2.ª fase (coluna na direita) de colocação da estrutura metálica de apoio (estudo e peças gráficas por A. Costa)

4. CONCLUSÕES: VALORIZAÇÃO, AMEAÇAS E MONITORIZAÇÃO

Assim que se iniciarem os trabalhos no terreno, em data ainda por determinar, duas outras questões merecerão tratamento:

Tendo-se verificado existir arte megalítica gravada nas faces internas dos esteios da câmara e do corredor (embora praticamente invisível a olho nu), de que modo poderá esta componente particular da história e das vivências do sepulcro neolítico ser valorizada junto do grande público sem que se ponha em causa a sua integridade?

Que tipo de estruturas de acesso e de proteção do monumento serão as mais adequadas face ao impacto humano decorrente das diversas atividades que têm lugar na envolvente (e que poderão intensificar-se num futuro próximo)? Com efeito, precisamente graças ao polo de atração que este local exerce na região, decorrem aqui numerosas atividades de lazer (passeios e piqueniques, prática de BTT, pesca desportiva, etc.) que acarretarão um impacto extra sobre o monumento, que há que acautelar.

Como referido no início, o Município de Vouzela conta com infraestruturas (centro de recursos, museu municipal) e meios diversos que são utilizados por uma equipa técnica que monitoriza o território e, dessa forma, também o estado da anta da Lapa da Meruje. Além de ter capacidade e meios para garantir pequenas intervenções pontuais (reconstrução dos muros de pedra seca, manutenção dos cartazes sinalizadores do sítio, etc.), têm formação e competências para, em ligação com as tutelas e o apoio técnico-científico proporcionado pelos protocolos de colaboração com universidades, alertar e produzir pareceres junto da tutela sobre qualquer anomalia ou alteração notórias do estado de conservação do monumento, e daí desencadear as ações que, conjuntamente, se considerarem necessárias. O tipo de intervenção no local que se descreveu acima não é impeditivo, antes pelo contrário, da tomada de medidas reversivas que, em última instância, poderão prever o reenterramento da área escavada para proteção do edifício dolménico.

O arranjo final do acesso ao interior do monumento far-se-á através do átrio, por duas razões: por ser esse o acesso original, e por questões de segurança, isto é, para "desmotivar" os visitantes a descer diretamente pelos esteios do corredor. O encaminhamento dos visitantes far-se-á através da construção de estruturas simples e muito pouco impactantes, tais como degraus, muretes delimitadores, pisos de circulação, etc. Estas estruturas recorrerão a materiais locais (lajes de granito) que se coadunarão plenamente com os usados na construção do monumento neolítico mas que, simultaneamente, permitirá ao visitante distinguir os elementos arquitetónicos neolíticos originais das estruturas recém-construídas.

Não se pode deixar de referir ter-se podido verificar o "parecer" da população local sobre esta intervenção, um "parecer" que nos foi sendo transmitido durante os trabalhos de campo e os "dias abertos" que defende a preservação do monumento com o aspeto e a configuração que se lhe reconhece (Fig. 5), isto é, sem estruturas adicionadas que lhe alterem grandemente a imagem (e as lendas associadas) que dele essa população conserva há gerações.

Referências citadas

- CARVALHO, A.F. (2018) - Anta da Lapa da Meruje (Vouzela, Portugal). Resultados preliminares dos trabalhos em curso. In SENNA-MARTINEZ, J.C., DINIZ, M., CARVALHO, A.F. eds. - *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, p. 201-216.
- CARVALHO, A.F. (2020) - Realidades inesperadas. Monumentos tumulares e monumentos cerimoniais pré-históricos da região de Lafões. *Kairós*. 8, p. 5-20.
- CARVALHO, A.F. (2021) - Estudo e valorização dos monumentos megalíticos de Vouzela, um projeto iniciado há cem anos. In CARVALHO, A.F., coord. - *Encontro de arqueologia do megalitismo de Viseu Dão Lafões. Investigação, conservação, valorização*. Viseu: Comunidade Intermunicipal Viseu Dão Lafões (Beira Alta; LXXX: 1-2), p. 59-83.
- CARVALHO, A.F. (2023) - Aristides de Amorim Girão e Georg Leisner. Imagens do megalitismo de Lafões em meados do século XX. In CARVALHO, A.F., TENTE, C., REAL, M.L., eds. - *II Jornadas de Arqueologia de Vouzela-Lafões*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela (Estudos de História e Arqueologia de Vouzela; 2), p. 37-50.
- CARVALHO, A.F., CARVALHO, P.S., BRANCO, D.M., ANASTÁCIO, J.P., ROCHA, J., PEREIRA, L.A. (2021a) - Monumentos dolménicos e estruturas tumulares proto-históricas de Vouzela no quadro da região de Lafões: resultados preliminares dos trabalhos em curso. In REAL, M.L., CARVALHO, A.F., TENTE, C., eds. - *I Jornadas de Arqueologia de Vouzela-Lafões*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela (Estudos de História e Arqueologia de Vouzela; 1), p. 22-37.
- CARVALHO, A.F., CARVALHO, P.S., SOARES, F., ANASTÁCIO, J.P., COSTELA, Y. (2020) - Wildfires and megalithic survey. Inventory and preliminary analysis of Neolithic to Bronze Age mounds in the Lafões territory (Beira Alta, Portugal). In SPASOVA, D., GENOV, A., eds. - *Megalithic monuments and cult practices. Proceedings of the third international symposium*. Blagoevgrad: Neofit Rilski University Press, p. 164-174.
- CARVALHO, A.F., COSTA, A. (2021a). Ações de estudo e valorização do património megalítico de Vouzela (Viseu). O projeto de reabilitação da Anta da Lapa da Meruje. *CONREA '21. Congresso da reabilitação*. Aveiro: Universidade de Aveiro (EasyChair Preprint N.º 5942).
- CARVALHO, A.F., COSTA, A. (2021b) - O projeto de reabilitação da Anta da Lapa da Meruje (Vouzela, Viseu): princípios, objetivos e propostas preliminares. *Al-Madan*. 24, p. 101-106.
- CARVALHO, A.F., MELO, D., CUESTA-GÓMEZ, F., SOARES, F., ROCHA, J., PEREIRA, T. (2022) - Novos dados sobre as manifestações tumulares pré e proto-históricas de Lafões. Síntese dos trabalhos de campo de 2016-2021. *Beira Alta*. LXXXI, p. 73-111.
- CARVALHO, A.F., PEREIRA, T., GIBAJA, J.F. (2018) - Proveniências e utilização do sílex no megalitismo de Lafões (Viseu, Portugal). Primeira abordagem a partir dos conjuntos dos dólmenes da Lapa da Meruje e de Antelas. In SENNA-MARTINEZ, J.C., DINIZ, M., CARVALHO, A.F. eds. - *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, p. 217-232.
- CARVALHO, A.F., PEREIRA, T., PAYA, A., MAÇÃS, J., OLIVEIRA, H.N. (2021b) - A mamoa proto-histórica de Monte Cavallo, Vouzela. In REAL, M.L., CARVALHO, A.F., TENTE, C., eds. - *I Jornadas de Arqueologia de Vouzela-Lafões*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela (Estudos de História e Arqueologia de Vouzela; 1), p. 58-75.
- CARVALHO, A.F., PIRES, H. (2023) - Primeiros resultados da aplicação do Modelo de Resíduo Morfológico no estudo da arte megalítica de Lafões. In CARVALHO, A.F., TENTE, C., REAL, M.L., eds. - *II Jornadas de Arqueologia de Vouzela-Lafões*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela (Estudos de História e Arqueologia de Vouzela; 2), p. 115-132.
- CARVALHO, P.S. (2021) - Quando a arqueologia faz sentido. MEG, Rota de Megalitismo de Viseu Dão Lafões e Sever do Vouga. In CARVALHO, A.F., coord. - *Encontro de arqueologia do megalitismo de Viseu Dão Lafões. Investigação, conservação, valorização*. Viseu: Comunidade Intermunicipal Viseu Dão Lafões (Beira Alta; LXXX: 1-2), p. 275-293.

CARVALHO, P.S., CARVALHO, A.F. (2018) - Para uma recuperação do megalitismo de Lafões (Viseu, Portugal). O concelho de Vouzela enquanto case-study. In SENNA-MARTINEZ, J.C., DINIZ, M., CARVALHO, A.F. eds. - *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, p. 37-50.

CRUZ, D.J. (2001) - *O Alto Paiva: Megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História recente*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Dissertação de Doutoramento; policopiada).

FERREIRA, N., coord. (2010) - *Carta geológica de Portugal. Notícia explicativa da Folha 17-A, Viseu*. Lisboa: Laboratório Nacional de Energia e Geologia.

FIGUEIREDO, C.J.M. (1953) - Subsídios para o estudo da viação romanas das Beiras. *Beira Alta*. XII: 2-3, p. 153-208.

LEISNER, V. (1998) - *Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.

MARQUES, J.A.M. (1999) - *Carta arqueológica de Vouzela*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela.

MOITA, I.N. (1966) - Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta. *Ethnos*. V, p. 189-297.

REAL, M.L., CARVALHO, A.F., TENTE, C. (2017) - Projeto de estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu): objetivos e primeiros resultados. *II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Arqueologia em Portugal. 2017: Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 113-123.

REAL, M.L., CARVALHO, A.F., TENTE, C., BRANCO, D.M., PEREIRA, L.A., CARVALHO, P.S., RAMOS, T. (2019) - Estratégias de recuperação e salvaguarda do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu, Portugal) após os incêndios florestais de outubro de 2017. In ROCHA, L., BRANCO, G., SANTOS, I., eds. - *IV Congresso internacional sobre Arqueologia de transição*. Évora: Universidade de Évora (Scientia Antiquitatis; 2), p. 461-476.

SIMÕES, C.D., MARTINS, D.H., OLIVEIRA, R., CARVALHO, A.F. (2023) - Processos de formação e práticas construtivas na Anta da Lapa da Meruje e na Mamoa 1 da Gândara da Seixa (Vouzela). In CARVALHO, A.F., TENTE, C., REAL, M.L., eds. - *II Jornadas de Arqueologia de Vouzela-Lafões*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela (Estudos de História e Arqueologia de Vouzela; 2), p. 97-114.

SOARES, F. (2021) - Expressões tumulares de Oliveira de Frades. O dólmen de Antelas e outros monumentos com *tumulus* do concelho. In CARVALHO, A.F., coord. - *Encontro de arqueologia do megalitismo de Viseu Dão Lafões. Investigação, conservação, valorização*. Viseu: Comunidade Intermunicipal Viseu Dão Lafões (Beira Alta; LXXX: 1-2), p. 41-57.

TENTE, C., CARVALHO, A.F. (s.d.) - Mountain archaeology at Caramulo (central-northern Portugal) in the *longue durée*. Landscape formation and *baldios* in Vouzela. In FERNÁNDEZ-MIER, M., ed. - *Archaeology of commons: Management, property right and governance*. Oxford: Archaeopress; no prelo.

TENTE, C., MELO, D. (s.d.) - The formation of Medieval territories in mountain areas. A perspective from archaeology and written records at Caramulo (Lafões, central-northern Portugal). *Reti Medievali Rivista*; no prelo.

